

humanitas

Vol. LXIV
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A Abertura da Europa e de Portugal ao Extremo Oriente e ao Brasil. Revista Portuguesa de História do Livro. Ano XIV, vol. 28, Edições Távola Redonda, Lisboa, 2011, pp. 726, ISSN: 0874-1336.

O vol. 28 da *Revista Portuguesa de História do Livro* constitui uma homenagem ao filósofo francês Marcel Conche, professor jubilado da Sorbonne, por ocasião do seu 90º aniversário. Dando particular relevo à tradução francesa e comentário do filósofo francês ao *Tao Te King* (2003), um texto em chinês clássico do séc. VI a. C. que constitui um dos alicerces filosóficos do taoísmo, a primeira parte do volume apresenta precisamente um estudo de António Miguel de Campos, autor de uma nova tradução portuguesa daquela obra, em que são descritas as características específicas daquele texto filosófico, confessadamente ambíguo e enigmático. Segue-se um conjunto de estudos de Manuel Cadafaz de Matos, acerca das relações históricas e culturais entre a Europa e a China, nomeadamente entre Portugal e a China, não apenas na sua expressão material e mercantil, mas antes no reconhecimento da sua forte componente religiosa, cultural, científica e filosófica, visível através do livro e da transmissão do cristianismo e dos progressos científicos e tecnológicos que este promoveu. Particularmente dignas de interesse são as gravuras que acompanham o fac-simile da obra do Pe. Gaspar Ferreira S.J., *Método para a Recitação do Rosário* (pp. 92-121). A vida e obra do filósofo francês Marcel Conche ocupa então as páginas 239-303, precedidas ainda de dois estudos sobre a ante-História do livro na China, o interesse pelo Taoísmo na obra do filósofo francês e o interesse simultâneo quer pelo helenismo quer pela antiga filosofia chinesa.

A Segunda Parte do volume é dedicada à memória de Duda Guennes, jornalista brasileiro radicado em Portugal. Nela são publicados diversos estudos (de Luís Guilherme Pontes Tavares e de Manuel Cadafaz de Matos) acerca da actividade da imprensa no Brasil, desde o séc. XVII até aos nossos dias, assinalando assim o 2º centenário da introdução da imprensa na cidade de S. Salvador da Baía.

Além destas duas partes anunciadas pelo título do volume (*A Abertura da Europa e de Portugal ao Extremo Oriente e ao Brasil*), a obra integra ainda uma Terceira, uma Quarta e uma Quinta Partes. Enquanto a Terceira reúne quatro estudos (do director da publicação, Manuel Cadafaz de Matos, de Maria Valentina Mendes, de Tiago Marques e de Benedetta Contin) acerca da imprensa na Europa ocidental e mediterrânica, a Quarta e a Quinta reúnem um conjunto de trabalhos da autoria do director da revista: a Quarta Parte reúne três estudos de natureza iconográfica; a Quinta Parte, de raro interesse para o espaço ibérico, ocupa-se da História da edição musical, dando particular relevo à obra de Tomás Luís de Victória e às suas relações com Portugal.

Sem aviso prévio, porém, o leitor é levado da área conceptual das edições musicais de Tomás Luís de Victória até Hans Bethge (1876-1946) e à sinologia germânica e à obra do filósofo romeno Emile Cioran (1911-1995), no que parece constituir uma omissão da organização estrutural do livro. De facto, as páginas finais do volume parecem pertencer a uma eventual *Varia* que o leitor esperaria fosse de algum modo assinalada, mas que vêm ainda indexadas ao título daquilo a que chamei Quinta Parte: “Para a História da Edição Musical”.

Entre cerca de 150 páginas de valor científico algo desigual (pp. 563-702) sucedem-se então os artigos temáticos, os projectos, as recensões, a simples correspondência pessoal e a evocação (*In memoriam*) de diversas figuras da intelectualidade, recentemente desaparecidas (entre elas Jacqueline de Romilly, Aníbal Pinto de Castro, Luís de Sousa Rebelo e Vitorino Magalhães Godinho).

A erudição e a interdisciplinaridade a que Manuel Cadafaz de Matos já habituou os seus leitores ganharia em ser acompanhada de maior esmero do ponto de vista da apresentação final do texto (esmero nem sempre compatível com a torrencialidade da escrita), bem como de maior apuro do ponto de vista da concepção e organização interna do livro propriamente dito, qualidades que se deveriam reflectir desde logo no respectivo sumário.

Uma gralha a corrigir na própria capa: ao volume n.º 28 de 2011 deveria corresponder o Ano XIV de publicação (e não XIII), como aliás se lê no rodapé interno das páginas iniciais de artigos como p. 19, 51, 129, etc. (*Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, Ano XIV, n.º 28 – 2011) e ainda na página final do próprio volume, onde a dúvida é completamente esclarecida.